



Editorial

O novo: inquieta e assusta, é o mais sedutor e difícil caminho. Os caminhos da humanidade estão a ser gerados a partir do indeterminado, do não previsto, do insólito, do inusitado. Isto nos leva a pensar então: para que gerir, planejar, antecipar? Em todos os nossos anos de atuação no campo do esporte buscamos construir cenários, analisar ambientes externos e internos, utilizar ferramentas de gestão. Talvez a metáfora adequada para representar todos esses ciclos sejam as Olimpíadas. A história nos mostra a força do elemento cíclico em nossa existência como espécie e como pessoas do grupo do esporte. Nos organizamos, treinamos, orientamos, planejamos a partir deles. Mas, repentinamente, algo acontece que parece contradizer nossa experiência cíclica.

Imprevisibilidade, não-substancialidade, não-essencialidade são elementos tratados em diferentes esferas, mas, dificilmente, no campo da gestão. Alguns autores tentam encontrar explicações construindo outras metáforas, como a do “cisne negro”. Pós-estruturalistas, pós-críticos, pós-modernos trabalham com a dispersão.

Penso que podemos deixar o trono dos estrategistas e, diante desse perplexo-complexo-contexto, abandonar a estratégia e desenvolver aspectos táticos, como nos diz Certeau, captando as oportunidades em pelo voo. Assim, como o treinador, à beira da quadra, ao ver sua estratégia ruir, buscar no fazer que se apresenta, soluções para continuar seguindo em frente com sua equipe. Assim, como o menino da favela, ao imitar os códigos verbais e corporais dos traficantes, constrói uma segurança ontológica, como nos ensina Giddens, que lhe permite transitar naquele ambiente evitando ser molestado, agredido ou morto. Assim, como nos inspira Sarmiento: “pequeno rapaz do que és capaz? Fazer o que está feito ou inventar o que nunca existiu?”.

É neste imbróglio que a RIGD avança para o seu décimo primeiro ano de existência. Em meio a uma pandemia que nos assombra, os participantes deste projeto não se cansam de acreditar num sonho que surge na lusofonia, mas que tem recebido apoio de irmãos intercontinentais.

A partir deste primeiro número de 2021, teremos o doi (digital object identifier), que dará mais visibilidade aos artigos da revista. Estamos aguardando a avaliação da Scopus. Associamo-nos à ABEC (Associação Brasileira de Editoras Científicas) e ao Crossref. Temos um caminho longo a percorrer. Se nossa experiência orgânica findar e voltarmos ao reino mineral, a equipe está formada, pois a RIGD é um projeto coletivo.

Carlos Alberto Figueiredo da Silva